

CANAL SINAPEL

ANO 7 – Nº 31 – DEZEMBRO/2002

ÓRGÃO OFICIAL DE DIVULGAÇÃO DO SINDICATO NACIONAL DO COMÉRCIO ATACADISTA DE PAPEL E PAPELÃO

editorial

QUEM SABE A COISA MUDA!

Iniciamos 2002 sem nenhuma certeza do que viria pela frente. O mercado de distribuição de papel estava inseguro, principalmente pela vigência da IN 71, durante o ano em curso. Na verdade, ela modificou o quadro de comercialização de papel até então conhecido. O Brasil, depois desse ato administrativo, deixou de ser o País com maior número de gráficas/ editoras do mundo e o mercado papelheiro/ gráfico ficou mais sério, pois foram eliminados os que viviam de falcaturas. A competição, hoje, é leal.

O Sinapel muito contribuiu orientando as empresas que constituem a categoria econômica por ele representada no sentido de se adaptarem à nova realidade. Em contato permanente com a Receita Federal, obtinha as informações corretas e, de imediato, as repassava ao Associado.

Outro fato relevante foi a recuperação gradual dos preços, até então defasados. A desvalorização do real ajudou as exportações e isso contribuiu para equilibrar a oferta de papéis, principalmente o ofsete. Esse fato melhorou a remuneração do trabalho e capital do distribuidor, que conseguiu recuperar um pouco das perdas, até então uma constante. É verdade que o risco se tornou maior, porém a CIRP - Central de Informações do Ramo Papelheiro, com muita eficácia, deu tranquilidade aos Departamentos de Crédito dos Usuários. Sem dúvida alguma, este ano foi melhor que o anterior.

E o próximo, como será?

Iniciaremos 2003 cheios de incertezas, principalmente pela mudança de Governo. O que virá pela frente?

Entendemos que as dificuldades que o presidente eleito vai encontrar logo no início do mandato não permitirão, num primeiro momento, grandes reformas. Entretanto, para domar nossa velha conhecida, a inflação, que novamente bota as mangas de fora, remédios amargos serão necessários. Não podemos jogar fora todo o sacrifício feito pelo povo brasileiro para a conquista da estabilização. Se o único jeito é o remédio amargo, paciên-

cia, vamos tomá-lo.

Acontecimentos externos também vêm causando certo desconforto. A possível invasão do Iraque pode aumentar o preço do petróleo e prejudicar seu fornecimento, assim como, consequentemente, modificar o cenário econômico.

Todos já perceberam que o Lula não é mais aquele radical dos tempos de São Bernardo. Ele, no nosso entender, deve ser visto como exemplo de pessoa bem sucedida. Quem iniciou a vida como operário e chegou à Presidência da República, depois de muitas derrotas, merece respeito. A obstinação que ele carrega, sem dúvida, deveria ser imitada por todos nós. Alguém que pensa, logo no início, saciar a fome dos menos favorecidos, investir em educação e abrir guerra à corrupção não poderá provocar receio aos que não tenham interesses escusos. Nosso dever é apoiar toda iniciativa que privilegie a sociedade como um todo, em detrimento de interesses menores. Portanto, não devemos ter receio. Vamos continuar trabalhando firme, em busca da evolução. A ética no setor papelheiro deve ser buscada com determinação. Fatos que geraram desrespeito, ocorridos neste ano, não podem ser incentivados nem tolerados. A lei de Gérson não pode imperar no nosso setor.

Um fato que chamou nossa atenção, nos últimos meses, foi a queda na qualidade dos profissionais de vendas que atuam na Distribuição. Pessoas sem preparo, sem conhecimento do produto que vendem, desinteressadas, sem motivação são comuns. Os competentes, ainda em grande maioria, vão se tornar minoria. É preciso fazer algo urgentemente para impedir esse quadro que se desenha. O Sinapel vai ajudar, continuando os cursos em parceria com o Senac. Com bastante trabalho, honestidade e lealdade, a coisa com certeza mudará.

Por derradeiro, aproveitamos a oportunidade para agradecer a todos que nos ajudaram a prestar nossos serviços aos Associados e a eles desejar próspero 2003.

VAS



A Diretoria do Sinapel espera que, com o início do novo ano, se renovem também as forças para lutar por um mundo melhor.

Saúde, paz, prosperidade, muita fraternidade.

Boas Festas!

Acesse o site do
SINAPEL
www.sinapel.com.br

Abram Szajman (*), presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo – Fecomércio, demonstra-se otimista quanto a 2003

A Federação do Comércio de São Paulo – Fecomércio anunciou que o comércio varejista deverá fechar 2002 com 1,2% de crescimento nas vendas. Para Abram Szajman, a “modesta” taxa tem como explicação “períodos muito difíceis pelos quais passou o setor varejista em 2002”. Segundo informa, cresceu apenas o grupo de bens duráveis (alimentação, remédios, higiene e limpeza) e alguns outros segmentos ensaiaram alguma melhora, valendo-se de uma pequena retomada do nível de atividade verificada no segundo semestre, em decorrência do pagamento das perdas do FGTS acumuladas nos planos Collor e Verão e do grande volume de saques dos fundos de investimentos, entre agosto e outubro.

Detendo-se na avaliação do setor de papel e papelão, o presidente da Fecomércio observa que, além das dificuldades conjunturais enfrentadas pelo comércio em geral, este segmento foi vítima da crise cambial. “Com o aumento do dólar, teve que pagar mais pelas importações e, na hora de exportar, não pôde tirar proveito da desvalorização do Real, pois faltou crédito às vendas externas”. Estes dois efeitos, combinados, segundo

Abram Szajman, anularam os ganhos de produtividade e de competitividade do setor que, nos últimos anos, tem conseguido baratear sua produção. O resultado foi a queda do nível de atividade e o prejuízo daí decorrente.

Contudo, as perspectivas para 2003 são otimistas. A intenção do governo em atuar no campo social é prenúncio de bons resultados, pois qualquer política pública que contemple a diminuição das desigualdades sociais tem reflexo imediato na elevação do nível de atividade do comércio e serviços, da indústria e da pecuária. No ponto de vista de Szajman, “o setor de papel e papelão será um dos primeiros a se beneficiar da ativação da economia, pois está presente em todos os segmentos, da produção ao consumo”. Ele ressalta que alguns fatores de desenvolvimento, como educação e cultura, também poderão estimular a evolução desse segmento. “Basta o MEC fazer encomendas que atendam à necessidade real de livros e cadernos no Brasil para assistirmos a um *boom* setorial”, afirma.

Melhoria da rentabilidade

Para o aumento da produção e geração de renda, a retomada do

crescimento econômico a taxas entre 5% e 7% é fundamental, na opinião do presidente da Fecomércio. Porém, ele enumera um conjunto de outras medidas que precisam ser implementadas imediatamente, pois, “caso contrário, não daremos um salto qualitativo em nosso desenvolvimento”. As reformas tributária e previdenciária, as amplas linhas de financiamento às micro, pequenas e médias empresas, via BNDES e até mesmo usando parte do depósito compulsório dos bancos, estão dentre essas prioridades. Abram Szajman ressalta também a necessidade de implementação de uma política de comércio exterior para as empresas brasileiras atuarem com força nos mercados tradicionais das Américas e da Europa, além da criação de terceiros mercados na China, Índia, Rússia e Coreia do Sul.

Perspectivas

O câmbio, a inflação e os juros continuarão condicionando o nível da atividade econômica em 2003. Entretanto, na visão do presidente da Fecomércio, algumas propostas do governo que assume em janeiro abrem perspectivas de que o próximo ano seja menos complica-

do do que está sendo o ano em curso. "Uma coisa é certa" – diz ele – "o presidente Luís Inácio Lula da Silva tem dado demonstrações

inequívocas de que estará aberto ao setor produtivo, quer usar as forças produtivas para retomar o desenvolvimento e pode ser que

isso venha a significar o fim da hegemonia do sistema financeiro. Então, será um período muito favorável ao trabalho e à produção."

O que esperar de 2003

Mensagem de Abram Szajman às empresas filiadas ao Sinapel

O conjunto de ações e planos destinados a abrir perspectivas favoráveis ao desenvolvimento social e econômico do Brasil, anunciado pelo governo que assume em janeiro, depende da colaboração de todos os segmentos organizados da sociedade.

Por isso e em nome do setor comercial e de serviços – um complexo de mais de 500 mil empresas, representadas por 143 sindicatos patronais filiados à Federação do Comércio do Estado de São Paulo – Fecomércio – se sentiu no dever de sentar-se à mesa da pactuação proposta pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. E com ela, evidentemente,

o Sindicato Nacional do Comércio Atacadista de Papel e Papelão, engajado com os demais filiados nas propostas concretas da entidade para a constituição de um Brasil melhor.

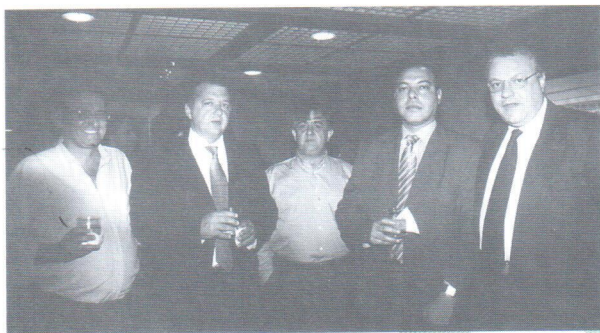
Essas propostas compreendem a manutenção do superávit primário, do regime de câmbio flutuante e do controle flexível das metas inflacionárias. Juntos, continuaremos defendendo as reformas tributária, previdenciária e trabalhista, o ajuste fiscal, a redução dos juros e o crescimento do consumo interno, a geração de empregos e a elevação da renda. Seremos intransigentes na sustentação de medidas que tornem mais competitivas as empresas instaladas no País e que revigo-

rem o Mercosul.

Com relação à Alca, continuaremos rejeitando qualquer acordo que afronte a soberania nacional, condicionando a adesão do Brasil ao bloco ao fim das barreiras protecionistas impostas pelos Estados Unidos. Não nos esqueceremos, entretanto, de continuar defendendo, permanentemente, políticas de incremento às exportações, certos de que estas podem dar respostas rápidas à necessidade brasileira de divisas e ao incremento da produção, afastando, já em 2003, as dificuldades vividas em 2002 por setores como o representado pelo SINAPEL.

(*) Abram Szajman é Presidente da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomércio SP), do Centro do Comércio do Estado de São Paulo (CCESP) e dos Conselhos Regionais do SESC e do Senac; 1º Vice-presidente da Confederação Nacional do Comércio (CNC); e Presidente do Conselho de Administração do Grupo VR.

Muita descont

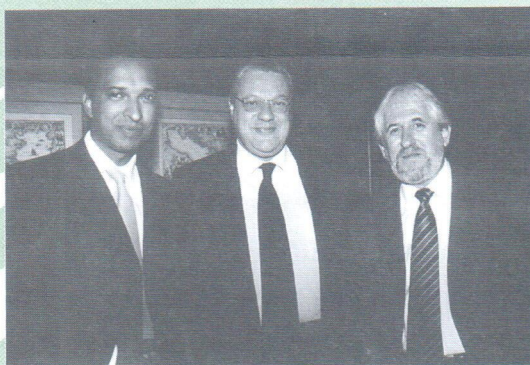
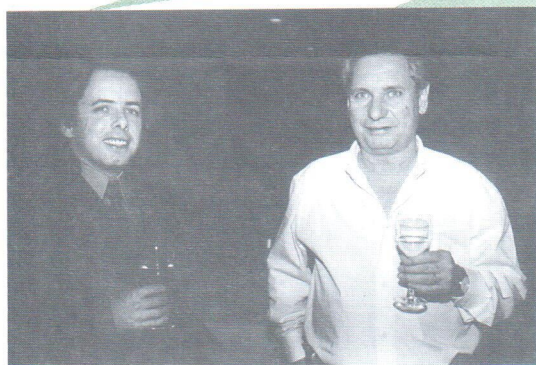


A tradicional confraternização de final de ano promovida em dezembro, no Dinho's Place, em São Paulo.

O encontro superou em alegria todos os anteriores.

A emoção ficou por conta de um vídeo com uma retrospectiva, uma homenagem às diretorias presididas por Vicente.

Todos, pois foi preparada sigilosamente pela Administração. Associados e convidados se divertiram com um "show" de todos os pedidos musicais ao ponto de, no final da festa, Depois de tudo isso, dezembro de 2003 parece tão d



ração e alegria

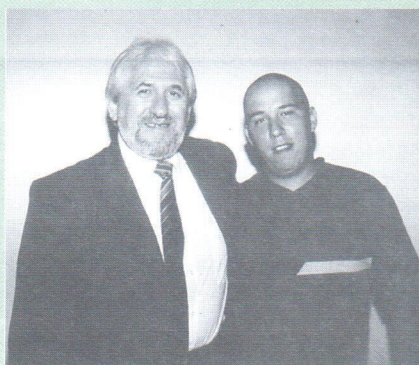
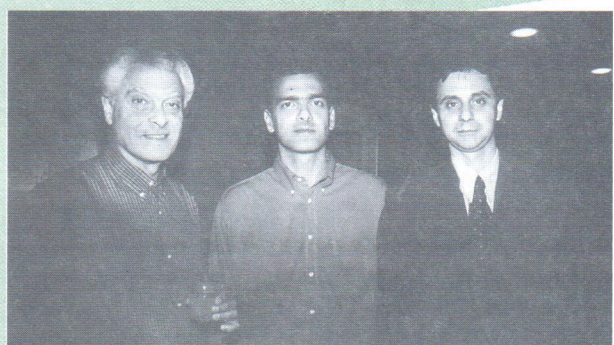
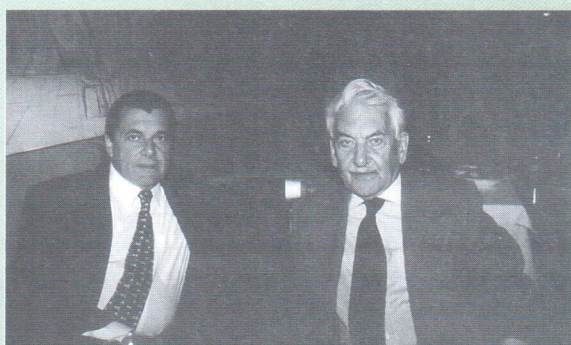


elo Sinapel foi realizada na noite de 9 de

realizados.

pectiva histórica do SINAPEL. A apresenta-
mato Sobrinho desde 1995, surpreendeu a
do Sindicato.

de dança cigana e o tecladista que atendeu
acontecer um animadíssimo "karaoke".
ante...



Vamos tentar oferecer, hoje, aos eventuais leitores, GOTÍCULAS ao invés de GOTAS DE VERNÁCULO. Talvez seja mais palatável, de quando em vez, pinçar aqui e ali expressões e palavras de uso diário, censuráveis ou injustificáveis, merecedoras de substituição ou crítica, em respeito ao vernáculo. Sem mais, vamos à busca com as nossas óbvias limitações.

OMELETE – OMELETA

Diz-se **omelete** ou **omeleta**. Esta última palavra foi criação de puristas que consideravam **omelete** francesismo. Hoje, elas convivem pacificamente, sem escrúpulos.

Com exceção do Dicionário de Houaiss, todos (antigos e atuais) atribuem o gênero feminino às duas palavras. Houaiss classifica **omeleta** no feminino, mas a **omelete** confere os dois gêneros. Quanto à pronúncia, à unanimidade, aconselham os léxicos omeleta (como se o segundo **e** tivesse acento circunflexo: ê) e omelete (como se o segundo **e** tivesse acento agudo; é).

MILHAR – MILHÃO

Dois milhares de pessoas, dois milhões de pessoas, porque **milhar** e **milhão** são masculinos. Dizem muitos, erroneamente: duas milhares de pessoas e **duas** milhões de pessoas, processando a concordância com **pessoas**, feminino. Erro bastante comum dos apresentadores de programas de televisão (exceto Bóris Casoy, sempre superior aos demais, também em questões vernáculos).

O que admite a lição dos nossos filólogos e gramáticos é o emprego indiferente dos dois gêneros (masculino e feminino) na concordância com o adjunto preposicionado no plural (**de pessoas**) em frases semelhantes a estas. “Dois milhares de pessoas foram mortas” (o adjetivo **mortas** concorda com **pessoas** – feminino). Ou: “Dois milhares de pessoas foram mortos” (o adjetivo **mortos** concorda com **dois milhares** – masculino). Não se altera o gênero do numeral cardinal (**dois** – continua masculino), mas se usam indiferentemente, no masculino ou feminino (**mortos** – **mortas**); **mortos** (masculino), qualificando **milhares** e **milhões** (masculinos) ou **mortas** (feminino), concordando com **pessoas**.

ETC.

Emprega-se ou não a vírgula antes de **etc.**? Eis uma questão aparentemente tormentosa.

Etc. é abreviação de “et coetera” (*latim*). Significa “e as demais coisas”, “e outras coisas”, “e assim por diante”, “e outras da mesma espécie”, “e o resto”. A presença do “**e**” (“*et*”) deveria tornar injustificável, no caso, o uso de vírgula. O correto poderia parecer “Trago cadernos, livros, canetas etc.” (*sem vírgula*), não “Trago cadernos, livros, canetas, etc.” (*com vírgula*).

Adverta-se, entretanto, que vernaculistas de renome colocam a vírgula e outros, **minoria insignificante**, não a usam antes de “**etc.**”.

Nos dicionários de Houaiss (2001) e da Melhoramentos (Michaelis – 2002), não se topa com a vírgula. Nos de Frei Domingos Vieira (1871), Aurélio (1999), Academia de Ciências de Lisboa (2001), Laudelino Freire (1954), Aulete (1958) e José Pedro Machado está ela sempre presente. Figura também, antes do “**etc.**”, nas gramáticas dos eméritos filólogos Ernesto Carneiro, Júlio Ri-

beiro, Evanildo Bechara, M. Said Ali, Rocha Lima, Silveira Bueno, Hildebrando A. de André, Marques da Cruz, Arthur de Almeida Torres, Alfredo Gomes, Augusto Freire da Silva, Celso Pinheiro da Cunha e José Almeida.

Entre os gramáticos, isolado e órfão, defende a ausência da vírgula Napoleão Mendes de Almeida (“Gramática Metódica da Língua Portuguesa” – 40ª edição – págs. 42 e 573). Para ressaltar ainda mais essa orfandade e **justificar a presença da vírgula**, destaque-se a opinião daqueles que afirmam não poder ela ser dispensada porque o Acordo Ortográfico, assinado em 12 de maio de 1943, a **oficializou** e a **consagrou** nessa posição (nesse Acordo, ela aparece mais de cem vezes, diga-se de passagem). Conclusão inarredável: gostemos ou não, **por determinação oficial e pela lição esmagadora de respeitáveis gramáticos, impõe-se o emprego de vírgula** antes de “**etc.**”

LESA-PÁTRIA e LESO-PATRIOTISMO

LESO é adjetivo e significa prejudicado, ferido. O adjetivo concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere. Pátria é feminino e patriotismo masculino. Por conseguinte: **lesa-pátria** (feminino) e **leso-patriotismo** (masculino). Nunca : **lesa-patriotismo**.

LYCRA e LICRA

Por que **lycra** (inglês – fibra sintética) se fala-mos **laicra**, palavra registrada nos léxicos? Adotemos **laicra**: as calças de laicra – os maiôs de laicra.

MOZARELA e MUÇARELA

Optar por uma dessas palavras femininas. Nunca **mussarela**. Note-se que, durante muito tempo, os dicionários só registravam **mozarela**, mas a força do uso impôs também **muçarela**.

CÔNJUGE

Marido e mulher são cônjuges. É palavra do gênero masculino e, por isso, o marido, referindo-se à mulher, dirá meu **cônjuge**, jamais **minha** cônjuge, como se ouve por aí.

FAX

No plural, indiferentemente **fax** ou **faxes**. “Transmiti **dois fax** ou transmiti **dois faxes**.” O Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa registra apenas **faxe** e **faxes**, ignorando **fax**.

Uma curiosidade: o Dicionário da Melhoramentos (Michaelis) ignora **fax** e **faxes**, mas acolhe **fac-símile**, que os demais também mencionam, e de que **fax** se originou por abreviação.

OVERDOSE

Vocabulo inglês. Preferimos os nossos: **sobredose** ou **superdose**.

GRÁTIS e GRATUITO

Grátis era considerado advérbio e **gratuito**, adjetivo. Corretamente, escrevia-se: “Distribuí **amostra gratuita**” (adjetivo) e “Comi **grátis**” (advérbio) no restaurante.” Por imposição do uso, **grátis**, hoje, é advérbio e adjetivo, apesar de o Aurélio considerá-lo adjetivo. Aceitáveis, portanto: **amostra grátis** e **amostra gratuita**. Nós, contudo, continuaremos, teimosamente, a manter a antiga diferença até que o uso, rei absoluto, nos triture...

ATRAVÉS

Empregado antes de substantivo, exige preposição **de**, formando a locução prepositiva **através de**: “Ele viajou **através de** Brasil” e não “Ele viajou **através o** Brasil”.

Outra particularidade sobre essa locução prepositiva. Há algum tempo, era considerado grave erro empregá-la com o significado de “por intermédio de”, “por meio de”, e “mediante”, apesar de o Dicionário da Melhoramentos (Michaelis – 7ª edição – Ano 1971), **APENAS ELE**, então acolhê-la com essas acepções. Contrariando o Michaelis, não se poderia dizer, em bom português, “paguei **através de** cheque”; o correto seria: “paguei **por** cheque”, “paguei **por** intermédio de cheque” e “paguei **mediante** cheque”.

A pressão do uso diário contrariou os doutos e desconsiderou a lição dos professores. Hoje em dia, as outrora censuradas expressões “por intermédio de”, “por meio de” são consagradas, no verbete **através**, pelos atualizados dicionários Aurélio (3ª edição – ano de 1999), Houaiss (1ª edição – ano de 2001) e Academia de Ciências de Lisboa (1ª edição – ano de 2001). Consequentemente, não se poderá mais opor reparos aos que preferirem “**paguei através de** cheque” a “**paguei por** cheque”. Ambas as construções estarão sempre corretas mercê da submissão dos dicionaristas à **autoridade soberana dos falantes**.

Convém não passar ao largo de circunstância bastante surpreendente: hoje, só o Dicionário Melhoramentos (Michaelis) que, em 1971, **isolado**, admitia **através** significando “por meio de”, “por intermédio de”, ignora essa sinonímia e, no verbete correspondente, registra: “**De lado a lado. Através de: um para outro lado; no decurso de.**” Recusa-se, agora, a admitir “por intermédio de”, “por meio de”, expressões acolhidas na velha edição no longínquo ano de 1971, tempo em que elas eram consideradas incorretas na opinião da maioria. Ao que parece, o Dicionário da Melhoramentos é do contra.

“SKATE” e ESQUEITE

“SKATER” e ESQUEITISTA

“SKATEBOARDING” e ESQUEITISMO

Esqueite, a pequena prancha de madeira ou de fibra de vidro, com dois eixos e quatro rodas. **Esqueitista**, o que usa o esqueite. **Esqueitismo**, a prática desportiva que consiste em realizar acrobacias com o esqueite.

Por que insistir na afetada “erudição” anglófila “skate”, “skater” e “skateboarding”, de emprego corrente nos meios de comunicação, quando o vernáculo exige e os bons dicionários registram **esqueite**, **esqueitista** e **esqueitismo**? Prestigiemos o nosso idioma. Repitamos com Napoleão Mendes de Almeida (“Gramática Metódica da Língua Portuguesa” – 32ª edição – “Prefácio”, pág. 6): “A língua é a mais viva expressão da nacionalidade. Como havemos de querer que respeitem a nossa nacionalidade se somos os primeiros a descuidar daquilo que a exprime e representa, o idioma pátrio?”

Sepultemos “skate”, “skater” e “skateboarding”, vivifiquemos **esqueite**, **esqueitista** e **esqueitismo**. Ao menos, por pudor nacionalista.

AUTOPSIA – AUTÓPSIA BIOPSIA – BIÓPSIA NECROPSIA

Indiferente **autopsia** (sílabo tônica “**sia**”, sem o acento) ou **autÓpsia** (sílabo tônica “**tóp**”, com o acento); **biopsia** (sílabo tônica “**sia**”, sem o acento) ou **biÓpsia** (sílabo tônica “**ó**”, com o acento). Entretanto, sempre “**necropsia**” (sílabo tônica “**sia**”, sem o acento); jamais “**necrÓpsia**” (sílabo tônica “**cróp**”). Estamos convencidO de que o uso, com o tempo, imporá a hoje inadmissível “**necrÓpsia**”.

ESTAMOS CONVENCIDO

Linha acima, quando discorremos sobre **autópsia**, escrevemos “Estamos convencido de que o uso...”. Preferimos convencidO a convencidOS (contra a nossa vontade, digase de passagem) porque é a lição dos mestres. Figura gramatical chamada “plural majestático” ou “plural de modestia” (essas as expressões conflitantes empregadas pelos gramáticos para rótulo do que eles também classificam de silepse de número). Tanto que, no prefácio da 37ª edição da “Moderna Gramática Portuguesa”, o nunca assaz elogiado Evanildo Bechara assim se expressou: “Dar-nos-emos por bem pago (não pagos).”

Por que esse aparente absurdo? Toda vez que, por modestia, empregamos “**nós**” em lugar de “**eu**” ou “**vós**” por “**tu**”, o verbo vai para o plural, mas o adjetivo concorda (por silepse-concordância da palavra de acordo com o sentido, não segundo as regras de sintaxe) com a palavra substituída (“**eu**” ou “**tu**”). Exemplificando: “Não sejamos **nós** pretensioso” (substituição do **eu** por **nós** – “Não seja eu pretensioso”); “Não fiquemos **nós** calado” (substituição do **eu** por **nós** – “Não fique eu calado”); “**Vós** permaneceis sentado” (substituição do **tu** por **vós** – “**Tu** permanecees sentado”); “**Vós** estareis sempre bem acompanhado”; “**Tu** estarás sempre bem acompanhado”.

Correto pois, no fecho das cartas: “Amigo atento e obrigado, **somos**...” No plural o verbo e no singular os predicativos “atento” e “obrigado” que se referem a “**eu**”, substituído por **nós**.

PLURAL DOS NOMES PRÓPRIOS (não estrangeiros)

Recomendável pluralizar os nomes próprios, como aconselha a **língua padrão** (é a nossa preferência): os **Almeidas**, as **Marias**, os **Antônios**, os **Josés**, os **Machados**, os **Peixotos**, etc. Para a formação do plural, observam-se as normas aplicáveis aos nomes comuns.

De ressaltar que não é raro, na língua literária, não pluralizar: os **Almeida**, as **Maria**, os **Antônio**, os **José**, os **Machado**, os **Peixoto**, etc.

Há quem sustente que a não pluralização constitui francesismo, *francesismo arcaico*, porque, segundo eles, até em francês a regra atual é levar os nomes próprios ao plural.

SKANNER – ESCÂNER – ESCANEAR

Repita-se o que escrevemos a propósito de **esquite** e **esqueitista**. Em nosso idioma, temos palavras correspondentes e não precisamos insistir no pernosticismo anglófilo. **Escâner** é o equipamento que “varre” uma imagem; **escanear** é “varrer” com **escâner**. Respeitemos e prestigiemos a nossa nacionalidade, como professoralmente **insistia** o saudoso Napoleão Mendes de Almeida.

À TOA – À-TOA

À TOA, sem hífen, é advérbio e significa a esmo, ao acaso, sem razão, à doida, etc. “Andei **à toa** pelas ruas da cidade” – “Brigaram **à toa**.”

À-TOA, com hífen, é adjetivo, significando desprezível, abjeto, insignificante, sem importância, sem utilidade, etc. “Homem **à-toa**” – “Sujeito **à-toa**” – “Problema **à-toa**”.

DIA A DIA e DIA-A-DIA

Sem hífen (dia a dia) é advérbio e, entre outros significados: *cotidianamente* ou *quotidianamente*, *à medida que os dias passam, todos os dias*. Exemplificando: “Ele trabalha dia a dia, sem esmorecimento.” – “Ele prospera dia a dia, acumulando experiência e dinheiro.”

Com hífen (dia-a-dia) é substantivo e tem por sinônimos *sucessão dos dias*, *o viver cotidiano*, *a rotina*, *a vida diária*. Para exemplificar: “O dia-a-dia de José é sempre o mesmo, monótono e sem surpresas.” – “No meu dia-a-dia, o trabalho é bastante diversificado e agitado.” “Maria, dócil, tentou integrar-se ao dia-a-dia das amigas.”

ZIPE – ZÍPER

FECHO ‘ÊCLAIR’- FECHO ECLER

Diz-se **fecho ecler** e não o francesismo fecho “**éclair**”. Ambas são expressões agonizantes, quase excluídas do dia-a-dia. Tomaram-lhes o lugar **zíper** (de origem inglesa: “zipper”), com acento agudo no “i”, e **zippe**, sem acento, cujos plurais, respectivamente, são **zíperes** (com acento) e **zipes** (sem acento).

Apesar de quase ignorado **fecho ecler** hoje em dia, Tasso Gereissate, governador do Ceará, em entrevista à “Folha de São Paulo” (13.05.02 – “Caderno Brasil”, página A-4, sob o título “Altíssimo Astral”), referindo-se a um dos presidentiáveis, assim se manifestou em censura ao falastrão: “Bota um **fecho ecler** nele.”

ÓCULO - ÓCULOS

Ainda com o jornal acima referido diante dos nossos olhos amparados por **óculos**, vamos a mais um equívoco dos inúmeros cometidos pela mídia no dia-a-dia.

Com toda a empáfia, do alto das suas tamancas, assim se expressou o repórter ao comentar a aparência do político cearense: “Tasso usava **um óculos novo**, de desenho moderno e lentes azuis comprados na última viagem que fez a Nova York.”

Pelas barbas do profeta: “**um óculos novo**”! O substantivo (*óculos*) no plural, como é de bom vernáculo, o artigo indefinido (*um*), e o adjetivo (*novo*), ambos no singular quando deveriam estar pluralizados. Não foi à toa que o Dicionário Aurélio, com estas palavras, no verbete de **ÓCULOS**, censurou erros grosseiros que grassam por aí como cogumelos: “No Brasil, pelo menos diz-se, **erroneamente**, o *óculo*, *este óculos*, *meu óculos*.” Ainda, acrescentamos nós: por que insistir com **Nova York**? Mais consideração ao nosso pobre e violentado idioma: **uns óculos novos**, os *óculos*, estes *óculos*, meus *óculos*, e Nova **lorque** (com “l”, não com “Y”).

XÉROX – XEROX

Xérox (acentado no “e”) é, por Houaiss, considerada preferível a **xerox** (como se tivesse acento agudo no “o”). Excluído o Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa, que não as registra, o do Aurélio e o do Michaelis também aconselham as duas formas. Por conseguinte: **xérox** ou **xerox**, indiferentemente.

Do gênero masculino para o Michaelis (o **xérox**, o **xerox**); dos dois gêneros na lição do Houaiss e do Aurélio (o **xérox**, a **xérox**, o **xerox**, a **xerox**). No singular e no plural, sempre palavra invariável: (**uma** **xérox**, **uma** **xerox**, **duas** **xérox**, **duas** **xérox**).

Quanto ao verbo (reproduzir por xérox), o Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa menciona apenas **xerocopiar**; os demais: **xerocopiar**, **xerocar** e **xerocar** (*pronuncia-se xerocsar*).

ALICHE – ANCHOVA – ENCHOVA

De curso corrente entre nós, **aliche** provém do italiano “*alice*”, que os italianos pronunciam “*alitché*”. Essa palavra é considerada italianismo inadmissível e desnecessário porque temos **anchova** e **enchova**.

Dos dicionários atualizados (*editados a partir de 1999*), apenas o Michaelis registra **aliche**. No verbete desse vocábulo, é acrescentado: “Variação *alitché*.” Exatamente, em português, a pronúncia italiana de “*alice*”, ouvida nas cantinas de São Paulo. É a força incontrolável do uso, impondo palavras que estropiam o vernáculo, momentaneamente, para, com o tempo, nele se integrarem como legítimas.

DESATUALIZAÇÃO

No “Canal Sinapel” nº 26, de dezembro de 2000, em “Gotas de Vernáculo”, procuramos justificar o uso da palavra “*desatualização*” que, até então, não havia sido acolhida pelos dicionários. Em largas considerações, tentamos provar que, de uso corrente e boa formação, motivo nenhum havia para não estar registrada nos léxicos.

Após longa “decantação”, temos a palavra registrada no Houaiss, com o seguinte verbete: “s.f. falta ou perda de atualização. Etim.: *desatualizar* + *ção*.” Os demais dicionários continuam a ignorá-la injustificadamente. Para nossa satisfação, até a etimologia, ora indicada por Houaiss (*desatualizar* + *ção*), foi a por nós referida nos comentários de dezembro de 2000.

BRÓCOLIS – BRÓCOLOS

Verdura muito apreciada nas mesas brasileiras. Substantivo comum, masculino e PLURAL: “Os **brócolis** são saborosos.”; “Os **bróculos** são saborosos.”; “Hoje, comi bons **bróculos**.”; “Hoje, comi bons **brócolis**”. Não se deve dizer **brócolo** ou **brócoli**, no singular.

No ensinamento de Houaiss, em Portugal se preferem as formas **brocos** e **brócolis**. Ressalte-se, entretanto, que o Dicionário da Academia de Ciências de Lisboa consagra apenas **BRÓCOLOS**.

GAY – GUEI

Desnecessário repetirmos tudo quanto foi escrito a propósito de **esquite** e **escâner**. Por que **GAY** se já acolhida pelos dicionaristas a palavra aportuguesada **GUEI**? Desprezemos a afetadíssima presunção anglófila e optemos, com armas e bagagem, pela lição dos dicionaristas. Pelo menos à luz do vernáculo...

DE MENOR

Sempre nos repugnou. **DE MENOR** com o significado de pessoa que não atingiu a maioridade: José ainda é **de menor**. Expressão, convém ressaltar, que nunca ouvimos de pessoas razoavelmente cultas. Entretanto, graças à pressão soberana do uso, até os dicionários já a vêm acolhendo sem arrepios ou náuseas. Aurélio considera-a brasileiro popular. Houaiss, brasileiro informal, o mesmo que menor de idade.

Cintec: Agilidade para resolver pendências trabalhistas

O nosso Sindicato aderiu, em novembro, à Câmara Intersindical de Conciliação Trabalhista do Comércio (CINTEC), que conta também com a participação do Sindicato dos Empregados no Comércio de São Paulo e de mais nove Sindicatos patronais na área do varejo.

A Cintec auxilia nas resoluções de questões que podem gerar discordâncias entre patrões e empregados no momento de acertar as contas.

A adesão do SINAPEL assegura a toda Categoria o direito de utilizar os serviços prestados pela Câmara nas sessões de conciliação preparatória para a Justiça do Trabalho, de acordo com a Lei nº 9.958, de 12 de janeiro de 2000.

Para mais esclarecimentos sobre o assunto, entre em contato com a secretaria do SINAPEL.

O que esperar de 2003

"Otimismo cauteloso é meu espírito neste fim de 2002. Vivemos ainda uma fase de riscos, internos e externos, mas por outro lado, um novo governo que se mostra disposto a avançar no tema das reformas e do desenvolvimento.

Não creio em um ano de economia vigorosa, mas de sementeira para o crescimento sustentado nos seguintes."

*Horácio Lafer Piva
Presidente da Fiesp - Federação das
Indústrias do Estado de São Paulo*

"O maior desafio estratégico do novo governo - sua obsessão, nas palavras do presidente eleito - será o de promover o crescimento econômico e o desenvolvimento social do Brasil, a fim de gerar empregos (e assim combater a fome e reduzir os desequilíbrios sócio-econômicos) e também para ampliar o papel político do Brasil no concerto das nações.

De nossa parte, entendemos que a geração de novos empregos

só será possível com base em novos investimentos produtivos e em infraestrutura. Sem isso não pode haver ampliação do número de postos de trabalho.

E, nessa linha, nosso setor pode ser de grande ajuda para o alcance dos objetivos do novo governo, pois estamos nos preparando para investir ainda mais - e somos, caracteristicamente, demandantes de mão-de-obra no campo. Podemos, portanto, dar respostas muito rápidas à política de geração de empregos do novo governo.

Na última década investimos US\$ 13 bilhões. Esses investimentos - que deverão manter seu nível histórico durante a próxima década - são indispensáveis também para que nossa indústria mantenha e melhore suas posições de sétimo produtor de celulose de todos os tipos e décimo-primeiro fabricante de papel do mundo."

*Osmar Zogbi
Presidente da Bracelpa - Associação
Brasileira de Celulose e Papel*

Expediente

CANAL SINAPEL - Publicação mensal do Sindicato Nacional do Comércio Atacadista de Papel e Papelão - Presidente: Vicente Amato Sobrinho - Jornalista Responsável: Gracia Martin - Reg. Prof. 14.051 (Fone: 11 - 6424-2419) - Produção, Arte, Fotolito e Impressão: De Sá Copiadora Ltda. (Fone: 11 3106.6660) - Redação: Pça. Sílvia Romero, 132 - 7º and. - cj. 72 - Fone: 11 - 6941-7431 - e-mail: sinapel@netpoint.com.br - São Paulo - SP.

CANAL SINAPEL

Praça Sílvia Romero, 132 - 7º and. - cj. 72
CEP 03323-000 - São Paulo - SP.

IMPRESSO